

# Cinema, estética e futebol: Interfaces que se revelam no filme Heleno

*Cinema, aesthetics and soccer:  
Interfaces that reveal themselves in the movie Heleno*

## Darlan Roberto Santos

Graduado em Comunicação Social (Jornalismo). Doutor em Letras pela UFMG, possui Pós-Doutorado em Literaturas Brasileiras pela PUC-MG. Professor do Ensino Superior, dedica-se à docência e à pesquisa, nas áreas de Comunicação Social e Letras. Atualmente, leciona na Faculdade Santa Rita (Fasar), em Conselheiro Lafaiete (MG).  
Email: fenixdr@gmail.com

**Submetido em:** 18/08/2015

**Aceito em:** 23/03/2016

### PERSPECTIVA

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre cinema e esporte – mais especificamente, entre cinema e futebol: duas paixões que ultrapassam fronteiras sociais. O enfoque privilegia aproximações e similaridades, destacando o gosto popular por ambos. Para isso, serão abordados aspectos da cultura de massa, papel social, caráter artístico e a questão estética. Em nossa abordagem, teremos, como corpus de análise, o filme Heleno – uma cinebiografia do ídolo botafoguense Heleno de Freitas, dirigida por José Henrique Fonseca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura de Massa; cinema; esporte; futebol; Heleno de Freitas.

#### ABSTRACT

This work discusses the relationship between cinema and sport - more specifically, between cinema and soccer: two passions that transcend social boundaries. The approach focuses on approaches and similarities, highlighting the popular taste for both. For this, it will be addressed aspects such as the mass culture, social role of both, artistic character and aesthetic issue. In this research, our empirical corpus consists of the film Heleno – a biopic of the idol of Botafogo Heleno de Freitas, directed by José Henrique Fonseca.

**KEYWORDS:** Mass Culture; Cinema; Sport; Soccer; Heleno de Freitas.

Afora a beleza do esporte, perceptível em jogadas espetaculares, tacadas certeiras e dribles mágicos, muito se discute, na Academia, a respeito do teor artístico presente na prática esportiva. Em grande parte, tal debate concentra-se em uma disciplina específica: a estética. Wolfgang Iser discorre a respeito:

O esporte é frequentemente negligenciado por essa disciplina (estética); costuma-se simplesmente assinalar os traços artísticos do esporte, para logo julgá-los como simplesmente óbvios e uma questão sem interesse. O prazer no esporte é considerado um prazer baixo de massas – um prazer que não é digno de consideração positiva pela estética. (...) Na realidade, o verdadeiro fascínio do esporte deriva de aspectos que, de forma diversa, estamos habituados a experimentar e admirar nas artes. (Welsch, 2001, p. 158)

Se a estética não tem o esporte em bom conceito, como reforça Welsch, talvez, isso se deva à sua popularidade – principalmente, em se tratando de modalidades como o futebol. Teóricos das “Belas Artes”, injustamente, relutam em acatar espetáculos que sejam facilmente entendidos e amados pelas massas, o que, similarmente, acontece com a literatura mais comercial. É como se apenas as *belles lettres* fizessem por merecer o “Olimpo” do cânone, ficando tudo o que é popular à margem, como algo menor.

Entretanto, o próprio Welsch pondera que há aspectos comuns no arrebatamento que esporte e arte provocam. Explicitando-os, podemos citar a catarse que se faz presente na fruição de uma obra ou ao assistir a um espetáculo de ópera, que também ocorre quando um torcedor assiste à vitória de seu time.

No presente trabalho, elaborado a partir de comunicação individual realizada no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (promovido de 28 a 30 de junho de 2012, em Ouro Preto), pretende-se discutir o teor artístico do esporte e sua aproximação com a cultura de massa e o gosto popular, através da questão estética, e suas afinidades com uma manifestação cultural em particular: o cinema. Sabendo-se que a “sétima arte” também enfrenta questionamento semelhante (a respeito de seu caráter artístico), buscar-se-á aproximar os dois setores, especificamente, através da abordagem do futebol no cinema. Para ilustrar a discussão, teremos, como corpus de análise, o filme *Heleno* – uma cinebiografia de Heleno de Freitas (1920-1959), dirigida por José Henrique Fonseca. O filme, lançado em 2012, enfatiza a dramática trajetória do atleta e seu talento como o maior ídolo botafoguense antes de Garrincha.

### 1. Cinema e Esporte: Interfaces

As aproximações entre cinema e esporte são possíveis sob diferentes prismas, a começar, pela “vitalidade” que envolve essas duas searas. O cinema, embora seja taxado, comumente, como uma fantástica ilusão, serve-se de toda a potencialidade que a vida oferece, para explorar temáticas, questões sociais, histórias de personalidades e de gente comum, que, na tela, parecem adquirir uma dimensão extraordinária, embora sejam, em seu âmago, apenas nuances da “vida”.

Neste sentido, Jorge Luis Borges, em texto publicado em 1929, assinala que o cinema já foi chamado de biógrafo. Recuperando esse vocábulo, o escritor argentino alerta para a pluralidade da sétima arte; sua

capacidade de criar cinebiografias e reinventar vidas na tela. Assim, segundo o ensaísta, a câmera funcionaria como um equipamento de “escritas” de vidas, transpondo, para as salas de exibição, sentimentos, fatos e lembranças.

Já o teórico da Comunicação Marshall McLuhan nos revela que, na Inglaterra, as casas de cinema eram conhecidas originalmente como “O Bioscópio”, “por apresentar visualmente o movimento real das formas de vida (do grego bios, modo de vida)”. O cinema, metaforizava McLuhan, seria capaz de enrolar o “mundo real num carretel, para desenrolá-lo como um tapete mágico de fantasia” (McLuhan, 2008, p. 319).

Quanto ao esporte, sua relação com a vida é evidente. Não existe prática esportiva sem a presença humana – seja como elemento atuante ou espectador. Superar os limites físicos e emocionais é o desafio dos grandes atletas e, mesmo em modalidades em que a tecnologia é preponderante, como o automobilismo, o competidor destaca-se como peça-chave. Sem falar nos torcedores, que, em qualquer atividade esportiva, conferem humanidade ao espetáculo, depositando, em seus ídolos, o desejo de vencer e vibrar com a vitória.

Assim, chegamos à outra similaridade entre cinema e esporte, que nos é apontada por Walter Benjamin: a mobilização do público e seu envolvimento, muitas vezes, participativo. Para o autor, espectadores de ambos teriam semelhanças evidentes:

A técnica do cinema assemelha-se à do esporte no sentido de que nos dois casos os espectadores são semiespecialistas. Basta, para nos convenceremos disso, escutarmos um grupo de jovens jornalistas, apoiados em suas bicicletas, discutindo resultados de uma competição de ciclismo. No que diz respeito ao cinema, os filmes de atualidades provam com clareza que todos têm a oportunidade de aparecer na tela. Mas isso não é tudo. Cada pessoa, hoje em dia, pode reivindicar o direito de ser filmado. (Benjamin, 1989, p. 68)

Além de se comportar como um “especialista”, o público, como nos lembra Benjamin, anseia, de alguma forma, pela oportunidade de tornar-se alguém especial, adquirir visibilidade (como os milhões de garotos brasileiros, que sonham em ser um novo Neymar, ou os jovens que se espelham em seus ídolos do cinema). Mas, como esse destino é reservado a poucos, o que resta, à grande maioria dos espectadores, é a realização simbólica, através dos verdadeiros “artistas” (da bola e da interpretação). O ídolo, afinal, também se presta a isso: permitir às pessoas que se realizem simbolicamente, através deles.

Cogitamos, ainda, uma terceira aproximação, que envolve uma polêmica histórica (efervescente até meados do século XX) e conceitual: Afinal, o cinema pode ser considerado arte? E quanto ao esporte, o aspecto estético pode alçá-lo ao patamar de manifestação artística?

Recorrendo novamente a Benjamin (1989), o pensador alemão assinala que o debate acerca do caráter artístico da fotografia e do cinema, a partir do século XIX, revelava, de fato, uma “transformação histórica”. Para o teórico, as novas formas de expressão humana, possibilitadas pela tecnologia, na verdade, implicavam em uma mudança do conceito de arte. Dizendo de outra forma: os avanços tecnológicos, tão incorporados à vida moderna, às atividades cotidianas e às manifestações culturais, estariam interferindo nas práticas humanas, inclusive, na arte, com o surgimento de modalidades como a fotografia e o cinema – tecnológicos em sua concepção, mas, em essência, tão imbuídos de sensibilidade e, porque não dizer, humanidade, quanto a pintura e a literatura.

Em 1966, no texto *Notas sobre o filme*, Adorno chegava a admitir a hipótese de o cinema vir a ser arte autônoma. Para o teórico, caberia aos filmes, neste sentido, “trair e desafiar” sua própria gênese de cultura de massa, através da estética, de formas de experiência peculiares, capazes de desafiar o naturalismo e a excessiva interferência da técnica, na busca da mimese da realidade. Contemporaneamente, quando tal discussão já parece ultrapassada, Rosenfeld (2002) considera que o cinema é um amálgama de arte e ciência.

Quanto ao esporte, sua proximidade com a arte (e, conseqüentemente, com o cinema), pode se dar, segundo nossa análise, pela questão estética. A fim de explicarmos a posição defendida no presente artigo, convém mobilizarmos algumas considerações sobre estética, as quais reforçam o seu caráter polissêmico :

Grande parte dos pesquisadores do século XX compreende o conceito “estética” como a ciência (filosófica) da arte e do belo. (...) Alguns teóricos também acrescentam, como objeto da disciplina estética, a forma, a poesia, a criatividade, a mimese artística, a imaginação, a verdade artística e o estilo, entre vários outros . (Kirchof, 2003, p. 17-18)

Portanto, entendendo estética de maneira mais ampla, e passível de ser apontada em atos do cotidiano, como admitem os autores citados, podemos considerar que há estética no esporte – e, por conseguinte, no futebol.

Neste, a estética faz-se presente desde a organização do jogo, com a disposição dos jogadores – em princípio, nas suas posições pré-determinadas – que, ao apito inicial do juiz, dão início a um verdadeiro bailado, repleto de passos encadeados, frenéticos, que, ao longo de, pelo menos, 90 minutos, compõem uma coreografia norteada por um objetivo: balançar a rede do adversário. Quando isso acontece, tem-se um expressivo desdobramento: a comemoração. É neste momento que jogadores e plateia comungam do mesmo sentimento e compõem, unisonamente, o espetáculo.

A metáfora – um recurso estilístico frequentemente utilizado na literatura – nos permite analisar uma partida de futebol tal como uma manifestação artística – um balé, talvez – buscando, no jogo, aspectos que servem à observação estética.

Se, conforme autores mencionados pelo pesquisador Edgar Kirchof, como Iser e Jauss, podemos admitir, como objetos da disciplina estética, a forma, a poesia, a criatividade, a mimese artística, a imaginação, a verdade artística e o estilo, o esporte estaria em conformidade com tal ramo do saber, já que, em modalidades como o futebol, tudo isso está presente: a plasticidade dos dribles, a poesia das jogadas concatenadas com genialidade, a criatividade e imaginação dos craques, a mimese artística de atletas que parecem imitar o movimento de beija-flores e a astúcia de raposas, buscando inspiração na natureza para os mais fantásticos lances.

Não é por acaso que grandes nomes da literatura, como Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Nelson Rodrigues e Roberto Drummond enveredaram pela crônica esportiva, elegendo o futebol como um dos temas de seus escritos. Como afirmou o poeta Carlos Drummond de Andrade – outro apaixonado pelo esporte bretão – no texto *Letras louvando Pelé*, futebol é “a arte que se tira do corpo. (...) Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida”. (Drummond, 2002, p. 205-206)

## 2. O futebol vai ao cinema

Uma questão interessante, que, novamente, permite a aproximação entre cinema e futebol, é de cunho social, envolvendo a popularização de ambos, a partir da urbanização que se instaura no século XX (época em que há, também, o avanço da comunicação de massa). Victor Andrade Melo explica:

Cinema e esporte estão entre as linguagens mais acessadas no decorrer do século XX, não somente nos seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também em função dos meios de comunicação em geral, que nelas investiram por se tratarem de produtos de grande penetração popular. (Melo, 2006, p. 16)

A sociedade instituída experimentou, em pouco mais de cem anos, uma progressiva penetração da cultura de massa, que, entre diversas características, permitiu o entrelaçamento de vários aspectos da vida humana, devidamente transformados em matéria-prima para os produtos culturais disseminados pelos meios de comunicação. Como assinala Beatriz Sarlo: “As culturas urbanas são uma mistura dinâmica, um espaço varrido pelos ventos de massa” (Sarlo, 2004, p. 101).

Assim, o cinema tornou-se um dos principais meios de entretenimento na modernidade e na pós-modernidade. O mesmo ocorreu com o esporte, tendo diferentes modalidades destacado-se mundo afora, segundo a cultura de cada povo. O futebol é, reconhecidamente, um dos esportes mais populares do planeta, especialmente, no Brasil, seu habitat perfeito, configurando-se como um dos componentes da identidade brasileira, conforme o antropólogo Roberto DaMatta .

Com tamanha popularidade de ambos – cinema e esporte –, era de se supor que os caminhos dos dois se cruzassem. Datam de 1894 as primeiras experiências de filmagem de esportes. Naquele ano, Thomas Edison, inventor do quinetoscópio (“embrião” do cinema) filmou e exibiu uma luta de boxe, nos Estados Unidos. Portanto, a relação entre a sétima arte e o esporte começa, antes mesmo, da invenção do cinema propriamente dito.

Desde então, foram incontáveis produções, sobre modalidades das mais diversas. Diante dessa abordagem recorrente, Andrade de Melo é incisivo: “Podemos sim afirmar que existe um gênero cinematográfico “esportivo”, mesmo que não necessariamente explicitamente reconhecido pela indústria cinematográfica” (Melo, 2006, p. 103).

O Brasil acompanha essa tendência e, na primeira década do século XX, são diversos os registros: “No ano de 1908, foram realizados dois curtas: *Campeonato de 1908*, produzido em São Paulo, e *Match de futebol entre ingleses e Fluminense*, produzido no Rio de Janeiro”. (Melo, 2006, p. 118). O autor também cita, desta mesma época, curtas ligados ao ciclismo, ao automobilismo, à ginástica, à dança e à corrida de touros, entre outros .

Observa-se que, nesse período inicial da sétima arte, ainda temos, predominantemente, filmes de caráter documental, enfocando eventos que mobilizavam a sociedade da época. No entanto, o “casamento” entre cinema e esporte, rapidamente, expande-se para a ficção, refletindo toda a paixão do público por determinadas modalidades. Enquanto, nos Estados Unidos, a predileção é pelo boxe, no Brasil, o futebol brilha nas telas, tanto quanto nos campos.

Em nosso país, os filmes relacionados ao futebol têm, como precursor, *O campeão de futebol* (1931), dirigido por Genésio Arruda, com argumento assinado por Menotti Del Picchia – uma “coincidência” sintomática, diante da tese defendida de aproximação entre esporte e arte. O proeminente intelectual do Movimento Modernista de 1922, respeitado escritor da literatura pátria, rendeu-se à emoção do futebol e idealizou uma comédia, com ênfase na popularização do jogo.

Nas décadas seguintes, o futebol esteve presente em documentários – *Garrincha, Alegria do Povo* (1962), *Tostão, a fera de ouro* (1970), *Boleiros – Era uma Vez o Futebol* (1998), *Pelé eterno* (2004), *Um craque chamado Divino* (2006) –, entre inúmeros outros e enredos de ficção, como *Rio, 40 Graus* (1955), *Pra frente Brasil* (1982), *O casamento de Romeu e Julieta* (2005) e o mais recente, *Heleno* (2012) – uma cinebiografia do rebelde jogador mineiro, que passamos a analisar a seguir.

### 3. Nunca houve um homem como Heleno

Na contemporaneidade, temos, como paradigma, a exposição do indivíduo, fazendo, de sua própria vida, um elemento da cultura. Esta lógica é comprovada por representantes de manifestações culturais e artísticas, que, muitas vezes, tornam-se conhecidos não apenas por suas produções ou atuações em determinada atividade, mas, principalmente, por atos de sua vida pessoal. É como se a concepção de Baudelaire sobre a modernidade viesse à tona, alicerçada, agora, pela mídia, que propicia essa superexposição de “artistas”, que se tornam, sobretudo, celebridades, instituindo a figura de um “dândi” de nossos dias, “que faz de seu corpo, seu comportamento, seus sentimentos e paixões, sua própria existência, uma obra de arte”. (Featherstone, 1995, p.99)

Assim foi Heleno de Freitas. Como atacante, permaneceu no Botafogo – time de coração – de 1937 a 1948, estabelecendo a impressionante marca de 209 gols em 235 partidas. Como um artista incompreendido, Heleno não se encaixava no estereótipo de jogador de futebol. Filho de um industrial e proprietário de cafezal, o mineiro, nascido em São João Nepomuceno, era formado em Direito, tinha hábitos refinados e uma personalidade explosiva. Contraiu sífilis, que o levou à loucura. Já irremediavelmente debilitado pela doença, Heleno passou os últimos dias de vida em um sanatório de Barbacena, em meio a delírios envolvendo sua grande paixão: o Botafogo.

Com uma trajetória tão peculiar, Heleno teve sua vida retratada na literatura, na biografia *Nunca houve um homem como Heleno* (Neves, 2011). O título é uma alusão ao apelido “Gilda”, concedido ao jogador por amigos e torcedores, graças ao seu temperamento controverso (uma referência à personagem de Rita Hayworth, no filme homônimo). A obra ganhou uma adaptação para o cinema, dirigida por José Henrique Fonseca.

Lançado em 2012, *Heleno* divide-se entre a trágica vida do craque e sua genialidade em campo, sem abdicar de passagens envolvendo os atritos com colegas, a intensa vida boêmia e a decadência, culminando em sua morte, em um hospital psiquiátrico, onde é amparado por seu último torcedor – um enfermeiro.

Ao ter sua vida retratada nas telas, Heleno (representado por Rodrigo Santoro) parece, finalmente, encontrar seu segundo palco, ideal para a exibição de seu talento esportivo e de sua personalidade polêmica. O cinema permite que as jogadas espetaculares do atleta, encenadas com perfeição pelo ator, sejam mostradas

como obras de arte, ao mesmo tempo em que a própria existência do craque torna-se um elemento artístico, tal como o enredo de uma tragédia.

A estética adotada pelo diretor (expressa em uma estilística repleta de artifícios, apontados adiante) é um indício de que há a intenção de se reforçar tal similaridade: o longa é todo em preto e branco, com muitas cenas de efeito, closes na figura marcante da personagem, em seu semblante obstinado, e muitas tomadas de câmera em contra-plongé.

Pode-se considerar, através do que é relatado na biografia de Heleno, e no filme homônimo, que o jogador inspirava-se nos galãs do cinema para compor sua imagem: roupas impecáveis, carrões, cabelo milimetricamente penteado, o cigarro empunhado de forma estilosa... Todos esses detalhes são explorados, tendo, os autores, baseado-se em relatos de pessoas que conviveram com o ídolo e reportagens divulgadas pela imprensa da época. García Márquez foi um dos muitos que escreveram a respeito de Heleno. Em crônica publicada originalmente em 1950, após uma partida em que o jogador defendia a camisa do Atlético Barranquilla, Márquez filosofou: “dr. De Freitas – que deve ser um bom advogado – redigiu nesta tarde, com os pés, memoriais e sentenças judiciais não apenas em português e espanhol alternadamente, mas também citações de Justiniano no mais puro latim clássico”. (Márquez, 2006, p. 239)

Assim como o escritor colombiano, o dramaturgo Nelson Rodrigues enxergava, em Heleno, mais que um atleta: “Heleno de Freitas não é bem um jogador, mas um personagem do futebol. Não há no futebol brasileiro jogador mais romanesco” (Neves, 2011, p. 18). Tal percepção, provavelmente, foi decisiva para que o diretor José Henrique Fonseca decidisse levar Heleno para as telas: “Heleno é um personagem cinematográfico. Acho que na história do futebol brasileiro, não existe um jogador que se adeque tão bem a ser retratado em um filme. Cuja vida se parece com um filme. É um personagem fascinante”.

Na cinebiografia, vemos essa potencialidade dramática reduplicada, como uma estrutura em *mise en abyme*: o atleta inspira e é inspirado pelo cinema, que o retrata, mediante um tratamento estético que remete à época de ouro da sétima arte, potencializado por recursos estilísticos (possíveis graças a expedientes narrativos e a atuais técnicas fílmicas), o que, em seu conjunto, permite que o “mito” Heleno possa ser perpetuado.

Como recorte representativo do que ora expomos, apontamos a sequência final: o Heleno dos últimos anos, já débil, prestes a dar seu derradeiro chute, em uma partida com os companheiros de sanatório, mescla-se ao Heleno dos áureos tempos, astro soberano em uma disputa pelo Botafogo, em uma fusão de passado e presente, assinalando aos expectadores que não haveria futuro para o decadente atleta – apenas reminiscências, permeadas pela insanidade. Em off, o personagem sentencia: “Todo jogador de futebol deveria assistir a uma ópera antes de entrar em campo”. Assim, o futebol vale-se de uma das mais nobres artes, e o cinema serve-se do futebol, como matéria-prima e inspiração, conferindo plasticidade ao esporte e reverberando sua “vocaçãõ artística”, através da poetização da dramática vida/obra de Heleno, que vemos na tela.

## Considerações finais

Talvez, o esporte não seja, exatamente, uma arte – não em sentido estrito. O “futebol arte”, por exemplo, tão mencionado e defendido por cronistas, jornalistas e torcedores em geral, não se refere, propriamente, a uma manifestação artística, na acepção exata do termo, como uma escultura ou espetáculo teatral. Entretanto,

há, neste esporte – e em diversos outros, não citados neste trabalho, por uma questão de delimitação –, alguns elementos essenciais, indispensáveis a uma obra de arte, que buscamos apontar ao longo do texto.

Trata-se de requisitos que, em sua maioria, fazem parte do processo artístico e são cumpridos pelo espectador, que também ajuda a encadear um empreendimento artístico, no momento de sua fruição. É o caso da comoção, do enlevo despertado pela obra, que pode levar à reflexão, à catarse ou a alguma emoção.

O torcedor, tal como aquele que assiste a uma bela representação ou posta-se diante de um quadro, a fim de admirar suas cores e formas, emociona-se, vibra, sai de seu estado ordinário, para entregar-se, mesmo que momentaneamente, a uma outra realidade. A fruição se faz presente, e o momento catártico – o gol – constitui o ápice do espetáculo.

Por outro lado, tem-se o artista – o atleta –, que se esmera em produzir uma obra-prima, buscando, incessantemente, a jogada certa, o drible exato, o gol perfeito. Evidentemente, referimo-nos àquele que tem o esporte como vocação, prazer e obsessão. É o craque, o jogador que se esmera em sair do “lugar-comum”, destacando-se dos demais, compondo, dentro e fora de campo, o espetáculo – prestando-se, até mesmo, à espetacularização de sua vida.

Assim foi Heleno de Freitas. O ídolo que, em vários sentidos, aproxima-se da concepção de artista, por nós mobilizada. Através de sua “arte”, instigava os torcedores (até os mais ilustres, como Gabriel García Márquez). Obstinado, não admitia ser apenas “mais um” entre onze atletas. Perseguiu tenazmente sua obra-prima. Era um obstinado, tendo sua vida se tornado uma trágica novela.

O cinema, através do diretor José Henrique Fonseca, permitiu que a tragédia fosse encenada e exposta ao público de nossos dias. Na tela, assistimos a um Heleno, encarnado pelo ator Rodrigo Santoro, tão genial quanto perturbado, um “Rimbaud dos campos”, cuja meteórica e intensa trajetória, característica de alguns grandes artistas, representa o aspecto mais humano da arte, que se revela no atormentado artista, que parece necessitar visceralmente de sua arte, de modo a canalizar toda a potencialidade de suas emoções e angústias. Neste sentido, consideramos que, por meio da cultura de massa, arte e esporte, futebol e cinema encontram, na cinebiografia Heleno, um perfeito exemplar que ilustra, através da vida de Heleno de Freitas, a constatação de que o atleta pode, sim, ser um artista.

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Notas Sobre o Filme. In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor Adorno: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. p. 100-107.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.



FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

*Heleno*. Direção de José Henrique Fonseca. São Paulo: Downtown Filmes, 2012. 116 min.

KIRCHOF, Edgar Roberto. *Estética e Semiótica: de Baumgarten e Kant a Umberto Eco*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MÁRQUEZ, Gabriel, García. *Obra jornalística: textos caribenhos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MCLUHAN, Marshall. *Compreender os Meios de Comunicação - extensões do homem*. Lisboa: Relógio d' Água, 2008.

MELO, Victor Andrade de. *Cinema & esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. São Paulo: EdiOuro, 2011.

ROSENFELD, Anatol. *Cinema: arte & indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação a estética*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

WELSCH, Wolfgang. Esporte: visto esteticamente e mesmo como arte? In.: ROSENFELD, Denis (Org.). *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.